

Sobre Nun'Álvares Pereira... Notas historiográficas*

GILBERTO CORALEJO MOITEIRO

Instituto Politécnico de Leiria; Instituto de Estudos Medievais (FCSH/UNL); Bolseiro FCT.

Resumo: A canonização de S. Nuno de S. Maria impõe um olhar sobre a produção historiográfica recente em torno de uma personalidade que marcou de modo indelével a história portuguesa dos séculos XIV e XV. Propõe-se, por isso, percorrer o panorama editorial promovido por aquele acontecimento ao longo do ano 2009, proceder à revisão do estado dos nossos conhecimentos sobre Nuno Álvares Pereira no âmbito dos Estudos Medievais, assim como sugerir um quadro de interrogações que a figura do Condestável continua ainda a suscitar.

Palavras-chave: Nuno Álvares Pereira, produção historiográfica, bibliografia, hagiografia.

Abstract: The canonization of St. Nuno of St. Mary requires a look at the recent historical production around a personality that indelibly marked the Portuguese history of the fourteenth and fifteenth centuries. I propose therefore a path through the publications promoted by the event throughout the year 2009, the state of our knowledge on Nuno Álvares Pereira in the Medieval Studies context, as well as suggesting a question's framework on him.

Keywords: Nuno Álvares Pereira, literature, hagiography.

* Agradeço a todos aqueles que tiveram a amabilidade de ler este texto e que contribuíram com as suas sugestões para “completar” estas notas historiográficas, a saber, Aires A. Nascimento, Luís Adão da Fonseca, Saúl António Gomes, Maria de Lurdes Rosa, Filomena Andrade, João Luís Inglês Fontes e Armando de Sousa Pereira.

Com o reconhecimento pontifício da santidade de Nuno Álvares Pereira (1360-1431) – agora S. Nuno de Santa Maria – no dia 26 de Maio de 2009, renasce o interesse pela figura do Condestável. Hoje como no passado, essa atenção é espelhada em diversas iniciativas, celebrações, concertos, exposições, colóquios e publicações de todo o género. Hoje como no passado, esta personalidade histórica é objecto de variadas aproximações, oriundas de todos os quadrantes culturais.

Lembrar Nun'Álvares, personagem incontornável da história portuguesa dos séculos XIV e XV, exige um olhar pelo panorama bibliográfico actual, por forma a perceber os matizes com que ele é evocado. Desde logo, cumpre assinalar o facto de a historiografia portuguesa parecer estar, por enquanto, um pouco ausente desta problemática, mais atenta a outras comemorações – como aquelas que se inserem em torno da figura do rei fundador – pelo menos no que diz respeito ao campo da medievalidade. O interesse suscitado pela recente canonização de D. Nuno tem-se inscrito principalmente no âmbito de acções de índole eclesiástica e local, marcadas frequentemente pela ausência dos historiadores profissionais.

Reedição, romance histórico e biografia são as marcas dominantes do actual panorama editorial sobre a matéria. As publicações disponíveis evocam um cenário já antes experimentado na nossa história, em momentos de comemoração idênticos àquele que agora é vivido. Dos pontos de vista sociológico e antropológico, é curioso verificar como esta reanimação da memória reactiva fenómenos capazes de produzir textos do teor daqueles que povoam actualmente as nossas livrarias. A este facto não será estranha a confluência de uma dupla tendência historiográfica e social, que se responde mutuamente na oferta e na procura de um mesmo tipo de objecto cultural.

É notório como o romance histórico e a biografia – que partilham entre si alguns traços comuns – têm sido os meios privilegiados de divulgação da memória do condestável Nun'Álvares Pereira. Nos últimos anos, e em particular naquele que agora finda, foram dadas à estampa uma série de obras em que pontificam aqueles dois géneros. Do lado do romance histórico, é de referir o livro de Isabel Ricardo, *Nuno Álvares Pereira. A Demanda do Mestre de Avis e a Vida do Santo Condestável*¹, do lado da biografia, a obra de Jaime Nogueira Pinto, *Nuno Álvares Pereira*², que se assume aliás como “a primeira biografia actual do homem e da época” – de acordo com a nota apenas na capa – e que só durante o segundo semestre deste ano conta já com três edições. Biográfico é também o livro de Secundino Cunha, *O Santo que Salvou Portugal: A Vida de D. Nuno Álvares Pereira*³. Se o primeiro se dirige a um público juvenil, estes últimos assumem-se claramente como biografias de divulgação, atentas não apenas aos factos como aos contextos, narrativas preocupadas com a explicação. Destinado

1 Planeta Editora, Lisboa, 2009, com ilustrações de Carlos Alberto Santos.

2 Com a colaboração de Inês Pinto Basto, Esfera dos Livros, Lisboa, 2009.

3 Presslivre/Correio da Manhã, Lisboa, 2009.

a um público infantil, há que fazer menção ao livro de Pedro Picoito, *D. Nuno, Santo e Cavaleiro*⁴, que se apresenta como um texto lúdico-didáctico.

Ao longo do ano reeditaram-se diversas biografias do Condestável. A já clássica e amplamente publicada *A Vida de Nun'Álvares*, de Oliveira Martins⁵, obra que, com maioria de razão, podemos considerar a mãe de todas as biografias, pela capacidade que teve de cristalizar uma imagem colectiva do sujeito biografado, reproduzida em muitas outras biografias e textos sobre o protagonista. *A Vida do Santo Condestável Dom Nuno Álvares Pereira*, de Henrique Barrilaro Ruas⁶, *Nun'Álvares, Condestável e Santo*, do recentemente falecido D. António dos Reis Rodrigues⁷ e o texto dramático *Nuno de Santa Maria: Herói e Santo*, de D. António Ferreira Gomes⁸.

Nos últimos anos vínhamos já assistindo ao surgimento de outras publicações do mesmo género. Refira-se o texto biográfico-ensaístico de António Maria Pinheiro Torres, *Nun'Álvares Pereira, Herói e Monge. Catolicidade e Portugalidade*⁹ e as novas edições de *Vida e Obra de Dom Nuno Álvares Pereira*, de G. Leslie Baker¹⁰ e de *A Vida Grandiosa do Condestável*, de Mário Domingues¹¹. Para completar esta tendência, poucas serão as biografias novecentistas que ainda ficam por reeditar. Quanto a estas, destacaria a do P. Valério A. Cordeiro¹² e a de António Baião¹³.

Situados em dois pólos bastante distintos estão os livros de José Carvalho¹⁴ ou o pequeno volume do P. Januário dos Santos¹⁵, inscritos num quadro devocional, e a reedição de *O Santo Condestável. Alegações do Cardeal Diabo*, de Tomás da Fonseca¹⁶, um texto em sentido inverso àqueles outros, na linha de Júlio Dantas, empenhado em demonstrar o interesse dos descendentes da Casa de Bragança em fortalecer a sua imagem, através da associação à figura de Nun'Álvares, o fundador da estirpe¹⁷.

Enquanto membro da Comissão Histórica do Processo da Causa da Canonização do Beato Nuno de Santa Maria, J. Pinharanda Gomes reuniu um conjunto de textos em torno da dimensão religiosa de Nun'Álvares, documentos quatrocentistas, estudos

4 Diel, Lisboa, 2009, com ilustrações de Sandra Bartolomeu.

5 Guimarães Editores, Lisboa, 2009 [1893].

6 Editorial Aster, Lisboa, 2009 [1955]. Publicada também pela Tenacitas, Coimbra, 2008.

7 Alêtheia, Lisboa, 2009 [1961].

8 Introd. de Guilherme de Oliveira Martins e estudo crítico de Maria Luísa Malato Borralho, Alêtheia, Lisboa, 2009 [1931].

9 Prefácio, Lisboa, 2004.

10 Via Occidentalis, 2008, cujo título original é *O Clarim de Nuno toca a Alvorada*, Oficinas de S. José, Lisboa, 1947.

11 Prefácio, Lisboa, 2005 [1951].

12 *Vida do Beato Nuno Alvarez Pereira (Santo Condestavel)*, Livraria Catholica, Lisboa, 1919.

13 *Biografia do Santo Condestável*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1952.

14 *Nuno Álvares Pereira – O Santo Condestável. Vida e Obra do 11º Santo Português*, Planeta Editora, 2008 e *O Santo Condestável D. Nuno Álvares Pereira*, Via Occidentalis, Lisboa, 2009.

15 *São Nuno: Herói e Santo*, Ed. Missões, Cucujães, 2009 [2008].

16 Antígona, Lisboa, 2009 [1932].

17 É curioso como, na sequência do encerramento do processo diocesano de canonização do Condestável, em Abril de 2004, a Casa de Bragança se associa ao evento. D. Duarte, duque de Bragança, coordena um livro, intitulado *D. Nuno de Santa Maria, o Santo*, ACD Editores, Lisboa, 2005, na mesma linha daquelas outras obras que tenho vindo a apresentar.

e ensaios, poemas e documentos canónicos já antes publicados em diversas revistas e livros, na obra *S. Nuno de Santa Maria – Nuno Álvares Pereira. Antologia de Documentos e Estudos sobre a sua Espiritualidade*¹⁸, facilitando ao grande público o acesso a testemunhos muito dispersos¹⁹. É pena que o editor não tenha aproveitado esta oportunidade para divulgar outros textos significativos do ponto de vista historiográfico, muitos deles elaborados no âmbito das tentativas de canonização que se seguiram à beatificação de Frei Nuno de Santa Maria, em 1918, e que avançaram no conhecimento do culto que se desenvolveu em torno do Condestável, logo após a sua morte. Para além do artigo de Domingos Maurício Gomes dos Santos, “Para a história do culto do B. Nun’Álvares”, que Pinharanda Gomes reedita (pp. 49-53), também os textos de Carlos da Silva Tarouca²⁰ e de Mário Martins²¹, sobre os milagres do Santo Condestável.

Já muito recentemente, foi dado à estampa o livro *Olhares de hoje sobre uma vida de ontem. Nuno Álvares Pereira: homem, herói e santo*²², que consiste num amplo e diversificado conjunto de contribuições ensaísticas, de índole e qualidade muito díspares, mas onde se destacam alguns textos com valor historiográfico.

No âmbito da publicação de fontes, há que referir o trabalho de Teresa Lacerda, que editou recentemente a *Crónica do Condestável*, num livro intitulado *D. Nuno Álvares Pereira, o Condestável de Portugal*²³, bem como a nona edição da *Crónica do Condestável de Portugal* D. Nuno Álvares Pereira, por Jaime Cortesão²⁴. Ambos procedem à actualização da ortografia, com o principal intuito de difundir aquela crónica quatrocentista, sem preocupação com os problemas inerentes aos respectivos contextos de produção e transmissão textual.

Do ponto de vista historiográfico, a maioria das aportações até aqui coligidas resultam num cenário perfeitamente desolador. Tratam-se de obras destinadas ao grande público, fazendo, muitas delas, uso de artifícios assumidamente “literários” e subjectivistas. Na sua maioria, os dados supostamente históricos são apresentados sem a mínima preocupação com a crítica das fontes, sem a sua referência ou problematização. Determinados na difusão de uma imagem do protagonista – patriótica, heróica, hagiográfica – estes textos, carregados de ideologia, projectam as preocupações do presente num passado bem distante do nosso tempo, numa completa “colonização” da Idade Média. As fontes de que os seus autores se servem para tecer os enredos ou

18 Zéfiro, Sintra, 2009.

19 Aliás, já antes Pinharanda Gomes havia publicado uma colectânea de estudos sobre os carmelitas em Portugal, *Imagens do Carmelo Lusitano. Estudos sobre História e Espiritualidade Carmelitas*, Paulinas, Lisboa, 2000.

20 “Onde está o Rol de Milagres do B.º Nuno Álvares Pereira, escrito por Gomes Eanes de Zurara?”, *Brotéria*, vol. XLVII, fasc. 2-3, 1948, pp. 155-163; Idem, “O «Santo Condestável» pode ser canonizado?”, *Brotéria*, vol. XLIX, fasc. 2-3, 1949, pp. 129-140.

21 *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, Lisboa, Edições Brotéria, 1957, pp. 179-180.

22 Coord. Humberto Nuno Lopes Mendes de Oliveira, Cristina Pita Meireles Pistacchini Moita e Ismael Pereira Teixeira, Universidade Lusíada Editora/Ordem do Carmo em Portugal, Lisboa, 2009.

23 Fronteira do Caos, Porto, 2007.

24 Sá da Costa Editora, Lisboa, 2008 [1937].

redigir os ensaios são basicamente as crónicas quatrocentistas, entrelaçadas com as setecentistas e, no seu intermédio, uma sucessão de biografias – que proliferaram no decurso dos séculos XIX e XX – de um modo demasiado impreciso, sem atender aos seus quadros de produção. Perspectivas novas não se encontram. A investigação desenvolvida no seio das instituições de ensino superior portuguesas está ausente destes textos, muito mais as abordagens inovadoras que a historiografia internacional sobre a Idade Média tem vindo a abrir e a explorar.

Honrosa excepção é encontrada num livro de Aires A. Nascimento, intitulado *Cernache do Bonjardim, Terra do Santo Condestável*²⁵. Aí o autor – de forma crítica, actualizada e problematizante – procura fixar os termos de algumas assunções relativas à vida de Nun'Álvares, fundamentando as suas teses com argumentos credíveis. Ainda que reconhecendo tratarem-se de preocupações contemporâneas – e, portanto, anacrónicas quando considerados os quadros mentais dos cronistas medievos – Aires Nascimento foca-se em determinados problemas relacionados com a cronologia e os espaços da vida do Condestável, como as datas e locais do nascimento e da morte, para os quais aduz dados provenientes das fontes cronísticas, cruzados com documentação coeva, como os registos da chancelaria régia²⁶. Aires Nascimento publicou também o artigo “Nuno de Santa Maria: o homem e o santo que é herói de Portugal”²⁷, onde procede à análise da representação do Condestável nas fontes quatrocentistas, dos escritos de D. Duarte e do infante D. Pedro, às crónicas de Fernão Lopes e à biografia do autor anónimo, que reavalia como tratando-se de um profissional ligado ao círculo do rei D. Duarte. Neste artigo, o autor toma posição pela natureza heróica do protagonista retratada nesses textos, mas onde a configuração hagiográfica se harmoniza com a prática dos valores da cavalaria medieval.

Neste campo da historiografia, temos de recuar sensivelmente duas décadas para encontrarmos investigações que tenham avançado no conhecimento de Nuno Álvares Pereira, tanto na sua historicidade como enquanto objecto de memória construída.

É a partir dos anos 80 – impulsionada pelo crescimento do Ensino Superior e por um contacto mais estreito e consciente com as historiografias estrangeiras – que uma história renovada se desenvolve em Portugal, criando as condições para a construção de um novo tipo de trabalhos, mais distanciados dos objectos estudados, sobre uma Idade Média que se vai paulatinamente descolonizando dos ideários que haviam marcado uma boa parte dos historiadores. A conjuntura de instabilidade tardo-medieval, personificada no processo que marca a história portuguesa nos anos

25 Associação Regina Mundi, Lisboa, 2009.

26 Lembre-se que Aires Nascimento havia já publicado trabalhos onde a figura do Condestável é evocada, a propósito dos “Milagres Medievais”, in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. e coord. Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, 2ª ed., Caminho, Lisboa, 2000, pp. 459-461.

27 *Igreja e Missão*, n.º 211, 2009, pp. 173-245.

1383-85, encontra naquela década uma primeira via de reaproximação historiográfica aos processos e agentes que protagonizaram aquele tempo histórico.

Num artigo recente, de ampla divulgação, Pedro Picoito sintetiza as posições em confronto nos debates que têm procurado interpretar o contexto em causa e, consequentemente, o papel desempenhado nesse âmbito por Nun'Álvares. O autor assume uma posição fundada na assunção de uma suposta liberdade individual, independente do peso dos grupos sociais e das categorias com que estes percebem o mundo, baseando, por sua vez, a sua interpretação, nos “dados” avançados pelos cronistas do século XV, sem atender à construção ideológica que os seus textos configuram²⁸.

As abordagens por ele coligidas, situam-se, ainda assim, num plano macroscópico, diluindo o protagonista deste esquisso historiográfico, pelo que será preferível examinar investigações mais circunscritas, que foquem o objecto de um modo mais centrado. Para além disso, será necessário ampliar este itinerário ao campo dos estudos medievais e considerar não apenas os trabalhos elaborados no âmbito da história como no da crítica literária, que aqui confluem de um modo ímpar, dada a natureza das fontes disponíveis.

Começo por destacar o trabalho de Mafalda Soares da Cunha. Em *Linhagem, Parentesco e Poder – A Casa de Bragança (1384-1483)*²⁹, a autora situa Nun'Álvares no contexto das concepções e práticas linhagísticas tardo-medievais, tomando a descendência do Condestável como estudo de caso. Aí são aclarados problemas muito diversificados, percursos individuais e familiares, comportamentos demográficos e estratégias de casamento, ligações de parentesco, práticas de sucessão, relações estabelecidas com a Coroa e a nobreza. A autora procede igualmente à reconstituição do património fundiário e senhorial da Casa, bens, formas de aquisição e distribuição geográfica, para o que aduz uma vasta série de mapas e quadros de localização e inventariação de bens e direitos. Mafalda Soares da Cunha baseia-se num levantamento sistemático e exaustivo de documentação inédita e impressa, dispersa por vários arquivos e produzida por diferentes organismos, cujas listagens apresenta em anexo, o que resulta num estudo bem documentado.

Mais recentemente, e no campo dos estudos históricos, Rosa Gertrudes Longo Cameira Pereira, em *Nuno Álvares Pereira na Corte de D. João I: Poder Senhorial/Poder Real*³⁰, focaliza-se na dimensão senhorial do Condestável. Também ela procura reconstituir a Casa do protagonista, o seu património e senhorio, a partir de documentação régia conservada em arquivos da capital e de alguns documentos publicados por Fr. José Pereira de Santana, na *Crónica dos Carmelitas*³¹ – que inclusivamente transcreve num

28 “Nuno Álvares Pereira revisitado”, *Ver – Valores, Ética e Responsabilidade*, 28 de Abril de 2009, edição digital, disponível em http://www.ver.pt/conteudos/ver_mais_Geral.aspx?docID=801 (consultado em Dezembro de 2009).

29 Fundação da Casa de Bragança, Lisboa, 1990.

30 Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2002. Texto policopiado.

31 2 tomos, Officina dos Herdeiros de António Pedrozo Galram, Lisboa, 1745.

extenso apêndice documental – embora pareça, estranhamente, desconhecer o estudo de Mafalda Soares da Cunha, que não referencia. O contributo deste trabalho reside, particularmente, na tentativa de reconstituição do elemento humano da Casa senhorial de Nun'Álvares Pereira. O problema das relações entre os poderes régio e senhorial merece também uma atenção pormenorizada. Esse enfoque é feito em torno das doações do Condestável aos seus vassalos e das consequentes reacções da corte, equacionado no quadro dos equilíbrios do poder em face das políticas centralizadoras e da denominada Lei Mental. Rosa Gertrudes conclui que a tentativa régia de reaver os bens doados ficou muito aquém do desejado e que aí se poderão verificar incongruências entre uma presumida política “moderna” e uma prática feudal, “medieval”. Este posicionamento reflecte ainda o discurso de uma historiografia tradicional, preocupada em perscrutar na Idade Média indícios da construção de um suposto “Estado Moderno”, consideração que, aliás, os próprios historiadores de Antigo Regime têm vindo a afastar.

Saúl António Gomes estudou a presença de Nuno Álvares Pereira em Ourém³², Porto de Mós³³ e na região do Barroso³⁴. Nestes estudos de caso, o autor procede a um levantamento exaustivo das fontes, que inclusivamente publica, analisando os contornos e o exercício do poder senhorial nesses diferentes espaços, integrando-o na dinâmica política coeva. Quanto à presença de Nun'Álvares e dos seus descendentes na vila de Almada é de referir o recente trabalho de José Augusto da Cunha Freitas de Oliveira³⁵. No seu estudo sobre os territórios concelhios de Almada, Coima e Sesimbra, o autor foca os bens e os direitos que o Condestável recebeu de D. João I, em Almada, a forma como aí os administrou e exerceu, assim como os transmitiu aos seus descendentes e ao Convento do Carmo de Lisboa.

Na sequência dos seus estudos prosopográficos sobre a nobreza portuguesa durante os reinados de D. Pedro, D. Fernando e D. João I (1357-1433), Fátima Regina Fernandes deteve-se sobre a família dos Pereiras³⁶. Mais recentemente, num artigo

32 “O condado de Ourém em tempos medievais”, in *Actas do Congresso Histórico D. Afonso, 4º Conde de Ourém e a sua época*, coord. Carlos Ascenso André, Câmara Municipal de Ourém, Ourém, 2004, pp. 93-156.

33 *Porto de Mós medieval: breves subsídios documentais para o seu conhecimento*, Câmara Municipal de Porto de Mós, Porto de Mós, 1985; Idem, “Temas e problemas sobre Porto de Mós medieval”, in *Revista Leiria-Fátima*, n.º 7, 1995, pp. 45-60; Idem, *Porto de Mós. Coleção Documental e Histórica. Séculos XII a XIX*, Câmara Municipal de Porto de Mós, Porto de Mós, 2005 e Idem, “Porto de Mós em tempos medievais”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, n.º 6, 2006, pp. 9-29.

34 “D. Nuno Álvares Pereira, senhor de Montalegre, guerreiro e monge”, comunicação apresentada no Museu Etnográfico de Salto (c. Montalegre), em 31 de Maio de 2009 (no prelo).

35 *Na Península de Setúbal, em finais da Idade Média: organização do espaço, aproveitamento dos recursos e exercício do poder*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2008. Texto policopiado.

36 Na sua tese de doutoramento, *O Reinado de D. Fernando no Âmbito das Relações Régio-Nobiliárquicas*, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996. Texto policopiado; trabalho publicado em *Sociedade e Poder na Baixa Idade Média Portuguesa. Dos Azevedo aos Vilhena: As Famílias da Nobreza Medieval Portuguesa*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003. Cite-se igualmente o artigo “Estratégias de legitimação linhagística em Portugal nos séculos XIV e XV”, *Revista da Faculdade de Letras – História*, III série, 7, 2006, pp. 263-284, em que a autora toma a linhagem dos Pereiras como estudo de caso. Note-se, no entanto, que as considerações que tece em torno da autoria da *Crónica do Condestável*, nas pp. 281-282, denotam desconhecimento em relação aos trabalhos já desenvolvidos no campo da crítica literária, a que me referirei mais à frente.

sobre o próprio Nuno Álvares³⁷, a autora analisa o seu percurso militar e senhorial, que considera favorecido pelo clima de guerra instalado, assim como sobre o jogo dos interesses e posições contrárias e concorrentes surgidas no seio da própria nobreza portuguesa, que ele tem de gerir. Coloca-se ao lado dos historiadores que encaram as crises políticas de finais do século XIV como contextos necessários à recomposição dos quadros nobiliárquicos, que se adaptam a uma nova realidade, criando uma nobreza menos autónoma, mais direccionada para o serviço da Coroa e, por sua vez, mais dependente dela. Sobre a construção da memória do Condestável, patente nas crónicas dos séculos XIV e XV, Fátima Fernandes encontra paralelos na actuação de Nun'Álvares com o pai, Álvaro Gonçalves Pereira.

Em relação à dimensão guerreira do Condestável importa chamar aqui à colação os trabalhos de João Gouveia Monteiro e de Miguel Gomes Martins. O primeiro tem estudado problemáticas relativas aos actores, aos discursos e às práticas bélicas tardo-medievais, abordando, nesse contexto, a figura de Nun'Álvares, que surge disseminada pelos seus estudos, particularmente em *A Guerra em Portugal nos Finais da Idade Média*³⁸, pelo que darei aqui especial atenção ao estudo de Miguel Gomes Martins, “Nuno Álvares e a arte da guerra”³⁹.

Neste artigo, o autor, baseando-se nas crónicas quatrocentistas, segue o percurso do protagonista, sugerindo hipóteses explicativas da sua personalidade, a propósito da ânsia demonstrada desde cedo em praticar a guerra, ao seu carácter voluntarioso, irreverente, parecendo, por vezes, egocêntrico e irresponsável, em busca de reconhecimento público, inspirado nos heróis da matéria da Bretanha e nas práticas guerreiras experimentadas já na Europa, no contexto da Guerra dos Cem Anos. A sua nomeação como fronteiro-mor do Entre-Tejo e Odiana e a constituição de um exército privado,

37 “A construção da sociedade política de Avis à luz da trajectória de Nuno Álvares Pereira”, in *Actas das VI Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, A Guerra e a Sociedade na Idade Média, 6-8 Novembro de 2008*, vol. I, Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, Batalha, 2009, pp. 421-446, também disponível em <http://www.pem.ifcs.ufrj.br/SociedadePolitica.pdf> (consultado em Dezembro de 2009).

38 Editorial Notícias, Lisboa, 1998. São ainda de referir outros estudos do mesmo autor, como “Interpretação”, in João Gouveia Monteiro (org.), *Aljubarrota Revisitada*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 2001, pp. 193-286, Idem, *Aljubarrota – 1385: a Batalha Real*, Prefácio, Lisboa, 2003, obra editada igualmente pela Tribuna da História, Lisboa, 2003. Vejam-se também Luís Miguel Duarte, *Aljubarrota – Crónica dos Anos de Brasa*, Quidnovi, Matosinhos/Lisboa, 2007; Saúl António Gomes, *A Batalha Real: 14 de Agosto de 1385*, Fundação Batalha de Aljubarrota, S. Jorge, 2007; Maria de Fátima Marinho, *O sonho de Aljubarrota*, Fundação Batalha de Aljubarrota, S. Jorge, 2007; António Horta Fernandes, “Será possível uma interpretação estratégica da crise de 1383-1385?”, *Clio*, Nova série, n.º 16/17, 2007, pp. 259-304 e Luís Adão da Fonseca, “Significado da Batalha de Aljubarrota no contexto da conjuntura política europeia no último quartel do século XIV”, in *Actas das VI Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, A Guerra e a Sociedade na Idade Média, 6-8 de Novembro de 2008*, vol. I, Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, Batalha, 2009, pp. 57-74. É importante referir também a *Nova História Militar de Portugal*, dir. Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vols. 1 e 5, Círculo de Leitores, Lisboa, 2003-2004. Embora um texto muito anterior às notas que tenho aqui coligido, é de referir o estudo de William James Entwistle, “Nun'Álvares e a defesa de Portugal”, *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, vol. 2, 1949, pp. 164-178.

39 Texto apresentado no âmbito das Conferências do Casino, *D. Nuno Álvares Pereira: O Homem e a Memória*, organizadas pelo ICEA – Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, no dia 27 de Março de 2004, na Ericeira, disponível em http://www.icea.pt/Conferencias/Conferencia1/Conf01_03.pdf (consultado em Dezembro de 2009).

em 1384, permite-lhe, de acordo com este autor, a aplicação das táticas militares que defende, a denominada “guerra nova” ou “guerra guerreada”, em alternativa ao cerco e à batalha campal – mais económica e desgastante para o inimigo – temperada com a batalha de tropas apeadas em terrenos criteriosamente escolhidos, favoráveis, atraindo para aí o adversário. Miguel Martins explora ainda a forma como Nun'Álvares gere o seu exército, na captação e manutenção dos recursos materiais e humanos, no papel desempenhado pelo seu conselho, nos exercícios de preparação e avaliação de competências, na forma como controla e impõe normas rígidas de comportamento e ética militares, no modo como consegue nutrir sentimentos identitários no grupo que comanda e, em última análise, nas vitórias que alcança e que, por sua vez, reforçam a auto-estima do comandante e dos seus companheiros de armas.

Também as histórias gerais de Portugal dadas à estampa desde os anos 80 não deixam de evocar esta personalidade. Chamo apenas a atenção para as mais próximas de nós, como as de A. H. de Oliveira Marques⁴⁰, José Mattoso⁴¹, João Medina⁴² e Rui Ramos⁴³. Assim como as biografias dos reis portugueses⁴⁴, assinadas por historiadores profissionais, como as de D. Fernando (escrita por Rita Costa Gomes)⁴⁵, de D. João I (da autoria de Maria Helena da Cruz Coelho)⁴⁶ e de D. Duarte (de Luís Miguel Duarte)⁴⁷. Aliás, estas últimas são aquelas que se apresentam como particularmente actualizadas, dada a sua recente elaboração. Neste âmbito, interessam também as colectâneas documentais, com destaque para as chancelarias, de D. Pedro⁴⁸, D. João I⁴⁹ e D. Duarte⁵⁰, assim como os textos deste último monarca no *Livro dos Conselhos*⁵¹.

40 *Nova História de Portugal*, vol. IV, *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*, dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Editorial Presença, Lisboa, 1987.

41 *História de Portugal*, dir. José Mattoso, vol. 2, *A Monarquia Feudal (1096-1480)*, coord. José Mattoso, Círculo de Leitores, Lisboa, 1993.

42 *História de Portugal, dos tempos pré-históricos aos nossos dias*, dir. João Medina, vol. 3, *Portugal Medieval*, Ediclube, Amadora, 1993.

43 Rui Ramos, Bernardo Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro, *História de Portugal*, coord. Rui Ramos, Esfera dos Livros, Lisboa, 2009.

44 Coleção dirigida por Roberto Carneiro e coordenada cientificamente por Artur Teodoro de Matos e João Paulo Oliveira e Costa.

45 *D. Fernando*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2005, editado também pela Temas e Debates, Lisboa, 2009.

46 *D. João: o que re-colheu boa memória*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2005, editado igualmente pela Temas e Debates, Lisboa, 2008.

47 *D. Duarte: requiem por um rei triste*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2005, também publicado pela Temas e Debates, Lisboa, 2007.

48 *Chancelarias Portuguesas: D. Pedro I (1357-1367)*, ed. A. H. de Oliveira Marques, INIC/Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1984.

49 *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, 4 vols., 11 tomos, ed. João José Alves Dias, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2004-2006.

50 *Chancelarias Portuguesas: D. Duarte*, 3 vols, 4 tomos, ed. João José Alves Dias, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1998-2002.

51 *Livro dos Conselhos de El-Rei Dom Duarte – Livro da Cartuxa, Edição Diplomática*, transc. João José Alves Dias e intrd. e rev. A. H. de Oliveira Marques, Estampa, Lisboa, 1982.

Sobre a vivência religiosa de Nun'Álvares se deteve Maria de Lurdes Rosa. No seu artigo sobre “A santidade no Portugal medieval: narrativas e trajectos de vida”⁵², a autora procede a uma síntese dos conhecimentos avançados até ao momento, levantando algumas hipóteses relacionadas com a origem da vocação religiosa do Condestável, associada à espiritualidade carmelita e às ordens militares – famílias religiosas que estabeleceram, inclusivamente, fortes laços entre si – para além de desenhar um modelo de santidade – nobiliárquico, guerreiro e místico – patente nas memórias construídas pelo redactor anónimo da *Crónica do Condestável* e por Fernão Lopes. Os esforços no sentido da sua canonização, assentes num culto que emerge imediatamente a seguir à sua morte, e desenvolvidos por diferentes entidades desejosas de associarem as suas origens a um santo, primeiramente a família real e a Ordem do Carmo e, num segundo momento, a Casa de Bragança, constituem, de acordo com Maria de Lurdes Rosa, problemas que se esboçam e que necessitam de uma resolução mais sustentada. A associação da figura do Condestável à ideologia de cruzada que reemerge nos finais da Idade Média, é aqui sugerida, mas retomada de um modo mais contextualizado em “Do «santo conde» ao mourisco mártir: usos da santidade no contexto da guerra norte-africana (1415-1521)”⁵³.

Eu próprio trabalhei sobre o culto que se desenvolveu no século XV em torno das relíquias de Nun'Álvares Pereira conservadas no Convento do Carmo, a partir do rol quatrocentista dos milagres atribuídos à sua intercessão, editado por Fr. José Pereira de Santana na *Crónica dos Carmelitas* (1745). Aí destaquei a forte ligação que a cidade de Lisboa manteve com a figura de Nun'Álvares, assumindo-se como o centro do culto do Santo Condestável⁵⁴. Também Ana Rodrigues Oliveira⁵⁵ e Paulo Lopes⁵⁶ usaram este testemunho setecentista do rol de milagres, a primeira para estudar as atitudes face à infância na Idade Média, o segundo para abordar sentimentos temerosos em relação ao mar, na mesma época. É que, no conjunto de milagres, há um volume muito

52 *Lusitania Sacra*, 2ª série, XIII-XIV, 2001-2002, pp. 369-450. Para um balanço historiográfico mais amplo, onde os estudos sobre a dimensão religiosa de Nun'Álvares são referenciados, veja-se também Maria de Lurdes Rosa, “Sociabilidades e espiritualidades na Idade Média: a historiografia portuguesa sobre os comportamentos religiosos dos leigos medievais”, *Lusitania Sacra*, 2ª série, XXI, 2009, pp. 75-124.

53 “Vom Heiligen Grafen zum Morisken-Märtyrer: Funktion der Sakralität im Kontext der nordafrikanischen Kriege (1415-1521)”, in *Novos Mundos - Neue Welten. Portugal und das Zeitalter der Entdeckungen*, pp. 88-105, Berlim/Dresden, Deutsches Historisches Museum/Sandstein Verlag, 2007. A versão em língua portuguesa do discurso proferido no simpósio internacional *Novos Mundos/ Neue Welten, Portugal e a Época dos Descobrimentos*, no Deutsches Historisches Museum, em Berlim, 23-25 de Novembro de 2006, está disponível em:

http://www.dhm.de/ausstellungen/neue-welten/pt/docs/Maria_de_Lurdes_Rosa.pdf (consultado em Dezembro de 2009).

54 “Da Lisboa de Nun'Álvares à Lisboa do Santo Condestável. Uma nova devoção na cidade dos reis de Avis”, in *A Nova Lisboa Medieval*, Colibri, Lisboa, 2006, pp. 121-132.

55 *A Criança na Sociedade Medieval Portuguesa*, Teorema, Lisboa, 2007.

56 *O Medo do Mar nos Descobrimentos – Representações do Fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média*, Tribuna da História, Lisboa, 2009.

significativo de crianças protegidas pela acção taumatúrgica do Santo Condestável, assim como a referência a alguns pescadores salvos de tempestades marítimas.

Em 2008, foi publicado um enorme conjunto de contribuições do P. Avelino de Jesus da Costa no *Diário do Minho*, no qual se podem ler dois artigos sobre o Santo Condestável, redigidos por alturas das comemorações do VI centenário do seu nascimento. Aí o autor aduz uma série de dados relativos ao culto, referenciando não apenas documentação escrita como iconográfica⁵⁷. Aliás, o centenário celebrado em 1960 promoveu outras iniciativas editoriais, como aquela patrocinada pela Associação dos Arqueólogos Portugueses⁵⁸, organização que viria a comemorar igualmente o VI centenário da fundação do Convento do Carmo de Lisboa⁵⁹.

Balbino Velasco Bayón, na *História da Ordem do Carmo em Portugal*⁶⁰, em obra bem estruturada e documentada, elabora a síntese dos conhecimentos actuais sobre aquela ordem mendicante, importante no que se refere ao seu desenvolvimento em Portugal até ao Concílio de Trento, com destaque – para o que aqui nos interessa – para as fundações de Moura e Lisboa, onde se realça naturalmente o papel desempenhado por Nun'Álvares. A utilidade deste trabalho reside na inventariação de fontes a que procede, à guarda de diversos arquivos portugueses e estrangeiros, bem como pela extensa bibliografia que o acompanha⁶¹. Também sobre os Carmelitas em Portugal na Idade Média, com interesse para o papel de Nun'Álvares, deverão referir-se os estudos publicados ou reeditados nos anos 80/90 na revista *Carmelo Lusitano*, como os de Arie G. Pascoal Kallenberg⁶², de Casimiro Vloon⁶³ ou de Manuel José de S. Bento⁶⁴.

No campo dos estudos artísticos, e depois das obras já clássicas de Gustavo de Matos Sequeira, *O Carmo e a Trindade*⁶⁵, e de Bernardo Xavier Coutinho, *Iconografia e Bibliografia Condestabrianas*⁶⁶ – sem esquecer as mais recentes histórias gerais da arte

57 “O culto do Santo Condestável” e “Um retrato desconhecido do Santo Condestável?”, in *Cónego Avelino de Jesus da Costa no “Diário do Minho”*, Empresa do Diário do Minho, Braga, 2008, pp. 249-257.

58 *No VI Centenário do Nascimento de D. Nuno Álvares Pereira*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1961.

59 *Actas do colóquio comemorativo dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo de Lisboa*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1989.

60 Paulinas, Lisboa, 2001.

61 Este trabalho deverá ser, para quem decida empreender um trabalho sobre os carmelitas portugueses na Idade Média, cotejado com dados avançados em Bernardo Vasconcelos e Sousa (dir.), Isabel Castro Pina, Maria Filomena Andrade e Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva Santos, *Ordens Religiosas em Portugal: das Origens a Trento. Guia Histórico*, Livros Horizonte, Lisboa, 2005, pp. 405-418, onde se procede, entre outros aspectos, à inventariação de bibliografia e fontes hoje disponíveis sobre a Ordem do Carmo em Portugal.

62 “Fontes medievais da liturgia carmelita”, *Carmelo Lusitano*, n.º 4, 1986, pp. 131-133; Idem, “O Santo Condestável e os primeiros carmelitas de Portugal”, *ibidem*, n.º 10, 1992, pp. 26-31.

63 “Cronistas e historiadores carmelitas”, *Carmelo Lusitano*, vol. 3, 1985, pp. 55-62; Idem, “A Ordem do Carmo e a Ordem de Malta em Moura”, *ibidem*, vol. 11, 1993, pp. 23-32.

64 “O culto litúrgico do Santo Condestável (trasladação das relíquias)”, *Carmelo Lusitano*, n.º 5, 1987, pp. 91-110.

65 3 vols., Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1939-1941.

66 Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1971.

publicadas pela Alfa⁶⁷, Círculo de Leitores⁶⁸, Universidade Aberta⁶⁹ e Presença⁷⁰ ou o livro de Pedro Dias sobre o gótico em Portugal⁷¹ – há que citar aqui trabalhos de âmbito mais específico, como os de Paulo Pereira sobre o Convento do Carmo de Lisboa⁷². Nesses textos, o autor analisa o processo de fundação e construção da igreja e edifício conventual, com as sucessivas modificações que este último foi entretanto sofrendo e com ampla descrição das suas características formais.

Mais recentemente, Margarida Maria do Vale Jordão Gonçalves Soares, em *A Igreja de Santa Maria do Monte do Carmo de Lisboa: Memória e Ruína*⁷³, estuda o monumento, antes e depois do Terramoto de 1755. Aborda o período da construção primitiva do templo carmelita – ao tempo do seu patrocinador –, a organização do espaço arquitectónico e as transformações que este foi sofrendo, principalmente nos séculos XVII e XVIII, para depois se deter sobre as opções de conservação tomadas na sequência da derrocada e as atitudes cultivadas no século XIX, no quadro da manutenção de uma memória em ruína. No seu estudo sobre a arte do retrato em Portugal⁷⁴, Pedro Flor analisa as duas representações figurativas de Nuno Álvares Pereira impressas na edição da *Crónica do Condestável* de 1554, uma enquanto jovem guerreiro, a outra já como carmelita idoso, sugerindo tratar-se, no que diz respeito à primeira, de uma imagem inspirada nos modelos figurativos de lápides sepulcrais.

A construção e os usos da memória de D. Nuno são talvez as problemáticas que mereceram maior atenção por parte da historiografia. E neste ponto é forçoso tomar em simultâneo, como referia atrás, tanto os estudos históricos como os literários. Desde logo, aqueles trabalhos que se têm debruçado sobre os textos redigidos pouco depois da morte do Condestável.

Quanto a este aspecto, é de assinalar a mais recente edição crítica da *Crónica do Condestável*, elaborada por Adelino de Almeida Calado⁷⁵ a partir da edição *princeps* de 1526, cotejada com a de 1554. Trata-se de um trabalho elaborado segundo as melhores práticas da crítica textual, ao qual o autor acrescenta uma extensa introdução,

67 Pedro Dias, “O Gótico”, in *História da Arte em Portugal*, vol. IV, Alfa, Lisboa, 1986.

68 Paulo Pereira (dir.), *História da Arte Portuguesa*, vols. I e II, Círculo de Leitores, Lisboa, 1995.

69 Maria Adelaide Miranda e José Custódio Vieira da Silva, *História da Arte Portuguesa – Época Medieval*, Universidade Aberta, Lisboa, 1995.

70 Carlos Alberto de Ferreira de Almeida e Mário Barroca, *História da Arte Portuguesa - O Gótico*, Presença, Lisboa, 2002.

71 *A arquitectura gótica portuguesa*, Estampa, Lisboa, 1994.

72 “A igreja e Convento do Carmo: do Gótico ao revivalismo”, in *Actas das Comemorações dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo em Lisboa*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1989, pp. 87-112 e “O Convento do Carmo”, in *O Livro de Lisboa*, coord. Irisalva Moita, Livros Horizonte, Lisboa, 1994, pp. 129-138.

73 2 vols., tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001. Texto policopiado.

74 Pedro Eugénio Dias Ferreira de Almeida Flor, *A arte do retrato em Portugal, entre a Idade Média e o Renascimento*, Tese de doutoramento apresentada à Universidade Aberta, 2006, pp. 259-261. Texto policopiado.

75 *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, edição crítica da «Coronica do Condestabre», com introdução, notas e glossário de Adelino de Almeida Calado, Por Ordem da Universidade, Coimbra, 1991. Veja-se a recensão crítica a esta edição, por Teresa Amado e António Branco, *Românica – Revista de Literatura*, 3, 1994, pp. 213-215.

onde procede ao recenseamento das edições anteriores – as quinhentistas e as de 1623, 1848, 1911 e 1972 –, onde esclarece o leitor acerca da sua opção em atribuir ao título da obra a forma *Estória*, em vez de *Crónica*, onde demonstra a existência de interpolações ao manuscrito original (elaboradas entre 1461 e 1481) ou a algum dos seus apógrafos e que a edição de 1526 viria definitivamente a fixar. Revê os argumentos avançados por aqueles que anteriormente estudaram o mesmo texto quatrocentista, nomeadamente em torno de problemas relacionados com a sua datação e autoria. Para além dos contextos de produção, Adelino de Almeida Calado analisa detalhadamente as fontes de que se serve o seu autor, a forma como as selecciona, os critérios que usa para tecer a narrativa, assim como o carácter autónomo que o resultado do seu trabalho atesta, assumidamente biográfico, sobre um herói que, dado o seu papel decisivo na manutenção da independência do reino – o que explica o seu pendor igualmente historiográfico – se destaca pelos valores militares, dotado, simultaneamente, de um espírito fervoroso, o que, tudo somado, justifica a sua apresentação exemplar. Por fim, o editor analisa o estilo literário da obra, os seus traços linguísticos e lexicais, assim como o aproveitamento que dela faz Fernão Lopes para compor as crónicas régias.

Sobre esta crónica biográfica se debruçaram também João Gouveia Monteiro, Teresa Amado, António Manuel da Costa Guedes Branco e Eunice Maria Lopes Esteves. Enquanto os dois primeiros se lhe reportam para perceberem as relações estabelecidas entre ela e os textos de Fernão Lopes, os dois últimos focam-se prioritariamente no seu estudo, embora António Branco não deixe de proceder igualmente a uma análise comparativa.

Em *Fernão Lopes, Texto e Contexto*, João Gouveia Monteiro realça o quadro social e político-ideológico no âmbito do qual Fernão Lopes redige as suas obras – entre duas crises, a de 1383-85 e a de 1438-49 –, interpretando os seus textos à luz da noção de “mitologia política”⁷⁶. Para o autor, o cronista projectara no passado o contexto de instabilidade do presente que se seguira ao falecimento de D. Duarte, validando o poder exercido pelo regente D. Pedro, legítimo representante de uma dinastia sancionada por Deus⁷⁷. Num outro artigo, Gouveia Monteiro aconselha a aplicação do método comparativo às crónicas régias, através do cotejo mais detalhado das fontes de que se serviu Fernão Lopes no seu trabalho de “compilador-cronista”, chegando inclusivamente a ensaiar essa comparação com a *Crónica do Condestável*⁷⁸. E é à luz daquela assunção que o autor justifica a tripla modalidade com que o cronista utiliza a biografia de Nun'Álvares, concordando com ela ora de um modo mais aberto ou condicionado ora discordando em pleno, fazendo-o de uma forma não inocente,

76 Esta é também a linha de análise adoptada por Margarida Garcez Ventura, *O Messias de Lisboa. Um estudo de Mitologia Política (1383-1415)*, Edições Cosmos, Lisboa, 1992.

77 *Fernão Lopes, Texto e Contexto*, Minerva, Coimbra, 1988.

78 “Fernão Lopes e os cronistas coevos. O caso da *Cronica do Condestabre*”, *Revista de História das Ideias*, 11, 1989, pp. 37-61.

mas interessado em demonstrar a necessidade e a “pureza” do processo revolucionário de 1383-85 e em defender a superioridade da jovem nobreza, envolvida numa causa justa. Neste mesmo artigo, Gouveia Monteiro inscreve a biografia do Condestável no género hagiográfico, defendendo que, do texto de Fernão Lopes, perpassa uma imagem mais sóbria do herói.

Opinião contrária é defendida por António Manuel da Costa Guedes Branco. No seu estudo sobre a *Crónica do Condestável*⁷⁹, advoga que ela se insere no modelo da crónica biográfica, género historiográfico focado na vida de uma individualidade, cujo autor terá produzido um texto por encomenda dos descendentes de Nuno Álvares Pereira, muito provavelmente os seus netos, D. Afonso, conde de Ourém e/ou D. Fernando, conde de Arraiolos. O seu autor terá sido, segundo este estudioso, alguém ligado profissionalmente à Casa de Bragança, eventualmente um escrivão, na década de trinta do século XV. O objectivo da redacção de uma biografia do Condestável seria o de fixar uma memória prestigiante da própria Casa de Bragança. Depois de efectuar um aprofundado estudo da questão quanto aos antecedentes genológicos da obra, sua possível autoria, estrutura, coordenadas espaço-temporais, conteúdos, fontes e modelos, analisa todos estes aspectos para poder explicar e fundamentar o respectivo contexto de produção. Procede igualmente à comparação desse texto com os de Fernão Lopes para situar melhor o do autor anónimo, para assinalar a sua especificidade e confirmar a sua tese quanto às condições sociais de produção. Por fim, António Branco estuda a representação do herói da *Crónica*, concluindo que o seu autor quis fixar a imagem de um grande cavaleiro, excelente guerreiro, fundador de linhagem, defensor de um significativo património, vassalo leal e, em menor escala, o cavaleiro dotado de uma relação privilegiada com o sagrado. A tese de António Branco, preocupada em inserir genologicamente o texto do autor da *Crónica do Condestável* no quadro da historiografia e em demonstrar a sua associação à Casa de Bragança, acaba por prestar pouca atenção aos aspectos hagiográficos que, ainda assim, contaminam o texto quatrocentista.

Eunice Maria Lopes Esteves, em *Nuno Álvares Pereira e a Casa de Bragança: o Poder e o Herói*⁸⁰, concorda com António Branco em considerar aquela obra uma crónica biográfica criada no círculo dos descendentes de Nun'Álvares. A autora traça o seu estudo partindo do pressuposto de que a redacção deste género de textos deverá ser compreendida à luz da noção de poder. Trata-se, neste caso, da construção do poder da linhagem brigantina. Para analisar a história do Condestável, toma como paradigma a tipologia criada por Elisabeth Gaucher⁸¹, segundo a qual a biografia cavaleiresca surge de um esforço de promoção da aristocracia, assimilada à hagiografia, mas que

79 *Emergência de um Herói (Estudo da Crónica do Condestável)*, Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Algarve, 1998. Texto policopiado.

80 Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004. Texto policopiado.

81 *La biographie chevaleresque, typologie d'un genre (XIIIe-XVe siècle)*, Honoré Champion, Paris, 1994.

sofre um processo de secularização. O biógrafo, assim como o hagiógrafo, não está tão preocupado com a “verdade” mas com a “verosimilhança” dos factos que narra, ao serviço de uma nobreza, cujo nome e celebridade lhe servem de garantia para o seu próprio estatuto e sustento material. Na construção do herói, o biógrafo agrega-lhe elementos modelados pelo mito, assumidos na sua dupla condição laudatória e reprodutora de acções valorosas, dado o seu carácter exemplar. É com base nesta acepção que, de acordo com a autora, se poderá compreender a inserção de conteúdos estruturantes na edificação do discurso, tais como a predestinação, a precocidade, a excepionalidade, a virgindade, a liberalidade, a inspiração divina, as virtudes e o misticismo, aspectos que sugerem a presença do modelo discursivo hagiográfico.

Também Teresa Amado, no estudo intitulado *Fernão Lopes, Contador de História. Sobre a Crónica de D. João I*⁸², trabalhou a biografia de Nun'Álvares – para quem a respectiva autoria deverá pertencer a um cavaleiro-monge oriundo de uma ordem militar – para perceber de que modo o cronista régio dela se serviu para redigir o seu trabalho historiográfico. O método comparativo permite-lhe apreender duas percepções daquela personalidade histórica. A representação que dele faz o autor da *Crónica do Condestável* condiz com a do chefe guerreiro, senhor exemplar na virtude moral e na devoção. Agindo predominantemente só, ele é perseverante nos seus planos, mesmo em face das grandes adversidades, cumprindo o fim para que fora predestinado. Portanto, a santidade do protagonista emerge no quadro genérico dos valores da cavalaria. Ao passo que da pena de Fernão Lopes sobressai o vencedor incontestado e o herói absoluto da guerra, o braço direito do Mestre de Avis, a quem se associa uma inusitada dimensão política, para além de elevadas qualidades enquanto nobre e cavaleiro. Trata-se, segundo Teresa Amado, de uma figura exemplar, em que a dimensão hagiográfica adquire uma intensidade ainda maior que na crónica biográfica⁸³.

As imagens perpassadas nas crónicas quatrocentistas acabaram por condicionar toda a produção literária e historiográfica posterior. No seu trabalho sobre *A Apropriação Ideológica da Figura de Nuno Álvares Pereira em Momentos de Crise Nacional*, Ana Margarida Coelho Guerreiro Casimiro⁸⁴ estudou os processos de recepção dos textos medievais na literatura portuguesa e as representações aí reflectidas. A recuperação de Nun'Álvares polariza-se, segundo a autora, em torno de uma vertente mais heróica e/ou mais santa,

82 Editorial Estampa, Lisboa, 1997 [1991]. Vejam-se também os artigos de Teresa Amado, “Crónica do Condestável”, “Crónica de D. Fernando”, “Crónica de D. João I”, “Fernão Lopes”, in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. e coord. Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Caminho, Lisboa, 2000, pp. 179-182, 271-273. As representações literárias da guerra na Idade Média foram também objecto do interesse desta investigadora, que estimulou e orientou uma série de trabalhos sobre a matéria, alguns dos quais baseados nas crónicas a que me tenho vindo a referir, em *A Guerra até 1450*, coord. Teresa Amado, Quimera, Lisboa, 1994, pp. 427 e ss.

83 Cf. o já referido artigo de Aires A. Nascimento, “Nuno de Santa Maria: o homem e o santo que é herói de Portugal”, *Igreja e Missão*, n.º 211, 2009, pp. 173-245.

84 Tese de mestrado apresentada à Universidade do Algarve, 2004. Texto policopiado.

de acordo com os diferentes contextos de produção. Para perceber essa apropriação, Ana Margarida Casimiro selecciona alguns textos mais significativos de determinados momentos-chave da história de Portugal, num arco temporal muito dilatado, que vai dos séculos XVII-XVIII – representado por Francisco Rodrigues Lobo, Jorge Cardoso, Fr. Manuel dos Santos, D. António Caetano de Sousa e Fr. José Pereira de Santana –, passando pelo século XIX – com Almeida Garrett, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro e Zeferino Cándido –, até ao século XX – com os textos de Júlio Dantas, Rui Chianca, Augusto Forjaz e Fernando Pessoa.

Em “A tutela do sagrado: a protecção sobrenatural dos santos padroeiros no período da Restauração”⁸⁵, João Francisco Marques estuda, entre outros exemplos, a apropriação, na parenética portuguesa seiscentista, da figura de Nun’Álvares e do acontecimento de Aljubarrota no contexto que se segue à Restauração. Nesses textos, o Condestável é associado à Casa de Bragança e, conseqüentemente, à monarquia. Essa ligação é feita por via da devoção mariana, presente tanto no pai da linhagem como no rei D. João IV⁸⁶. Também os estudos de Maria de Lurdes Correia Fernandes em torno da hagiografia portuguesa do período Moderno – principalmente sobre o *Agiolégio Lusitano*, de Jorge Cardoso – interessam ser aqui chamados, pelo contributo que eles representam para o contexto das apropriações hagiográficas do Santo Condestável⁸⁷.

É nesta linha de análise que cabe destacar o trabalho de Maria de Lurdes Rosa⁸⁸. No artigo intitulado “Hagiografia e santidade”, a autora, em síntese historiográfica bem documentada, traça o processo de formação da santidade portuguesa, numa lógica de autêntica territorialização da santidade, e foca particularmente – por se tratar de um caso exemplar – as apropriações da figura do Condestável, no decurso dos períodos liberal, republicano e no Estado Novo. Maria de Lurdes Rosa conclui que, numa primeira fase, predomina a exaltação das qualidades militares e patrióticas do herói, numa óptica mais laica, mas por alturas da publicação de *A Vida de Nun’Álvares*, por Oliveira Martins (1893), se consolida uma aproximação à santidade do Condestável, divulgada a partir das histórias gerais de Portugal e, já no Estado Novo, através dos manuais escolares, resultando numa clara apropriação simultaneamente literária e

85 In *A Memória da Nação*, Colóquio do Gabinete de Estudos de Simbologia realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, 7-9 Outubro, 1987, org. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1991, pp. 267-294.

86 Para um aprofundamento desta problemática, são igualmente de referir os estudos do mesmo autor sobre *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Porto, 1986 e *Idem*, *A Parenética Portuguesa e a Restauração – 1640-1668: A Revolta e a Mentalidade*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Porto, 1989.

87 “A biblioteca de Jorge Cardoso (1669), autor do *Agiolégio Lusitano*: cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno”, *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, Anexo X, 2002; *Idem*, “História, santidade e identidade: o *Agiolégio Lusitano* de Jorge Cardoso e o seu contexto”, *Via Spiritus*, 1996, pp. 25-68; assim como a edição fac-similada, bem como a organização, estudo e índices do *Agiolégio Lusitano*, de Jorge Cardoso e António Caetano de Sousa, 5 volumes, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2002.

88 In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. C-I, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, pp. 326-361, mormente pp. 341-342 e 356-357.

historiográfica, para além da invocação tutelar de movimentos organizados, como a Cruzada Nuno Álvares, o Exército, as associações de carácter nacionalista, visíveis nos processos de beatificação e nas tentativas de canonização, no âmbito da propaganda desenvolvida pelo Estado Novo e nos programas editoriais de boa parte do século XX portugueses⁸⁹.

Sobre alguns dos contextos específicos de apropriação historiográfica e da sua evocação político-ideológica, bem como acerca de manifestações da memória colectiva, como os momentos de comemoração, trabalharam aprofundadamente Ernesto Castro Leal⁹⁰, Sérgio Augusto Cabral Martins Lima⁹¹, Sérgio Campos Matos⁹², Luís Reis Torgal, José Maria Amado Mendes e Fernando Catroga⁹³, Luís Miguel Oliveira Andrade⁹⁴, assim como Maria Isabel João⁹⁵.

Findo este itinerário pela historiografia portuguesa mais recente, é altura de concluir com a sugestão de algumas vias de investigação, a partir daqueles aspectos que me parecem menos aprofundados e a merecerem um novo esforço de pesquisa. Desde logo, parece-me prioritária a elaboração de uma síntese que aglutine todas as pesquisas efectuadas, por forma a podermos olhar esta personalidade de um modo integrado. Uma síntese que se preocupe não apenas com a sua vivência histórica como com as construções que ela suscitou, desde a Idade Média até à actualidade.

No que se refere à acção do Condestável durante a sua vida, há que atender àqueles aspectos que se prendem com a sua ligação à Ordem do Carmo, não apenas com o convento que ele fundara em Lisboa, como com aquele outro que já existia

89 Francisco J. Vellozo revisitou recentemente o processo de beatificação do Santo Condestável, defendendo que, de acordo com argumentos jurídicos e históricos, um novo processo para a canonização de Nun'Álvares seria desnecessário, uma vez que a Santa Sé havia já reconhecido tratar-se de um culto imemorial ("O processo de Nun'Álvares", *Scientia Iuridica – Revista de Direito Comparado Português e Brasileiro*, LIII, n.º 300, 2004, pp. 593-607).

90 "A Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as origens do Estado Novo (1918-1938)", *Análise Social*, vol. XXXIII (148), 1998 (4º), pp. 823-851; Idem, *Nação e Nacionalismo: A Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as origens do Estado Novo (1918-1938)*, Cosmos, Lisboa, 1999; Idem, "Nuno Álvares: símbolo e mito nos séculos XIX-XX", *Lusitania Sacra*, 2ª série, 12, 2000, pp. 143-183; Idem, "Nun'Álvares na Memória da Nação", *Gil Vicente*, n.º 3, 4ª série, Janeiro-Dezembro 2002, pp. 31-44; Idem, "Poder e comemoração: festa do patriotismo, festa da Pátria em Portugal (1920-1938)", in *Turres Veteras*, VIII, *História das Festas*, coord. Carlos Guardado da Silva, Colibri, Lisboa, 2006, pp. 275-283.

91 *A Cruzada Nacional D. Nun'Álvares Pereira: Estudo de uma Organização Política*, tese de mestrado apresentada ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, 1993. Texto policopiado.

92 *História, Mitologia, Imaginário Nacional: A História no Curso dos Liceus (1895-1939)*, Livros Horizonte, Lisboa, 1990; Idem, *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do Século XIX (1846-1898)*, Colibri, Lisboa, 1998.

93 (Org.), *História da História em Portugal*, vol. 1, *A História através da História*; vol. 2, *Da Historiografia à Memória Histórica*, Temas e Debates, Lisboa, 1998, *passim* e especialmente pp. 251-254 do vol. 2 [obra já antes publicada pelo Círculo de Leitores, Lisboa, 1996].

94 *História e Memória – A Restauração de 1640: Do Liberalismo às Comemorações Centenárias de 1940*, Minerva Coimbra, Coimbra, 2001; Idem, "D. Nuno Álvares Pereira na(s) Memória(s) da Nação", texto apresentado no âmbito das Conferências do Casino, *D. Nuno Álvares Pereira: O Homem e a Memória*, organizadas pelo ICEA – Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, no dia 27 de Março de 2004, na Ericeira, disponível em http://www.icea.pt/Conferencias/Conferencia1/Conf01_05.pdf (consultado em Dezembro de 2009).

95 *Memória e Império: Comemorações em Portugal (1880-1960)*, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa, 2002.

na vila de Moura. De facto, conhecemos ainda insuficientemente esta ordem religiosa no Portugal medieval. Novas investigações baseadas em documentação inédita que ainda se conserva nos nossos arquivos aclararão decerto outros problemas menos conhecidos da relação que Nun'Álvares manteve com os carmelitas.

Sobre as construções e apropriações posteriores da sua imagem ainda há muito para trilhar. O Antigo Regime é aquele período que me parece necessitar de um esforço de investigação maior. Impõe-se todo um trabalho heurístico de fontes impressas e manuscritas que nos permita aclarar, a partir dos mais variados pontos de vista, as formas como a memória do Condestável foi evocada e usada. Mas mesmo se recuarmos ao século XV falta ainda empreender uma tarefa da maior importância para o conhecimento do culto que os fiéis votaram ao Santo Condestável, e que consiste na edição do rol de milagres atribuídos à sua intercessão. Perdido o texto autógrafo, permanecem ainda vários apógrafos dessas narrativas breves, difíceis de trabalhar com segurança sem uma edição que coteje todos os testemunhos conhecidos – aliás com significativas diferenças entre si – e que estabeleça o texto crítico mais próximo do original.

A comparação entre a forma como os diversos poderes – em particular a Coroa – se empenharam na promoção da figura do Condestável, em paralelo com outras santidades do território (como a rainha S. Isabel, a infanta Joana, o Infante Santo ou os Mártires de Marrocos), em diversos ciclos da história portuguesa é uma outra problemática a estudar. Assim como se torna fundamental estabelecer confrontos entre os diversos traços da vivência de Nun'Álvares com muitos outros casos seus contemporâneos, para que ele possa ser entendido na sua historicidade e não mais na única condição de excepcionalidade com que a figura é permanentemente evocada.

Por fim, parece-me que será igualmente necessário reavaliar as leituras das crónicas quatrocentistas e ponderar melhor, por exemplo, a problemática da contaminação do discurso hagiográfico nos textos historiográficos medievais⁹⁶, bem como contextualizar melhor a figura de Nun'Álvares Pereira na sua época através da sua inserção noutros exemplos nacionais e estrangeiros. Aguarda-se, quanto a este aspecto, um artigo de Maria de Lurdes Rosa, em que a autora faz um exercício de reflexão sobre a problemática da construção historiográfica de personalidades históricas apropriadas por mitologias cívicas e/ou religiosas, a partir do exemplo concreto de Nuno Álvares Pereira, e onde

96 Vejam-se, a este propósito, as perspectivas que Cristina Sobral colhe num artigo sobre "O modelo discursivo hagiográfico", in *Modelo: Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, coord. Ana Sofia Laranjinha e José Carlos Ribeiro Miranda, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2005, pp. 97-107. Também Armindo de Sousa havia já chamado a atenção para o cuidado que suscita a análise de textos cronísticos, em "Os cronistas e o imaginário no séc. XV (Breve reflexão sobre a crónica enquanto discurso)", *Revista de Ciências Históricas*, vol. IX, 1994, pp. 43-47.

propõe inclusivamente novas vias de abordagem, de acordo com as aportações da mais moderna historiografia internacional sobre este tipo de problemas⁹⁷.

É de referir que se encontram em curso algumas investigações da maior importância para o progresso do conhecimento do Condestável Nuno Álvares Pereira. No campo da edição de fontes, Teresa Amado prepara uma edição crítica da primeira parte da *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes. Rita Costa Gomes trabalha na edição da correspondência trocada por D. Gomes Ferreira, abade do Mosteiro de S. Maria de Florença, com interesse, entre muitos outros assuntos, para a problemática do processo de canonização do Condestável ao tempo do rei D. Duarte. Aires A. Nascimento tem já concluída uma colectânea de dez artigos, na sua maioria inéditos, com apêndice documental, intitulada *Nuno de Santa Maria: fragmentos de memória persistente*, cuja publicação está para breve. Por fim, Luís Adão da Fonseca prepara uma biografia de Nuno Álvares Pereira, que será editada com a chancela da Fundação da Batalha de Aljubarrota.

97 "A devoção de Nuno, a construção de São Nuno – a compreensão histórica de fenómenos complexos", a sair na próxima edição da revista *Viragem* (no prelo).